

JORNAL FOLHA DO NORTE: UMA CONEXÃO EM PROL DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FEIRENSE

Edilsa Mota Santos Bastos¹

Universidade Federal de Sergipe - UFS

RESUMO

O trabalho intitulado de “Jornal Folha do Norte: uma conexão em prol da história da educação feirense”, teve como objetivo investigar a relação entre o Jornal Folha do Norte e a Escola Normal de Feira de Santana - Ba durante seu funcionamento, a saber, como se dava a cobertura do Jornal em relação aos eventos da Escola? Qual era o olhar do Jornal em relação aos alunos da Escola? A partir de tais questionamentos, a pesquisa reuniu informações que contextualizou a primeira década de funcionamento da Escola, inaugurada em 1º de junho de 1927, além das leituras e discussões propiciadas pela Disciplina História da Educação, Arquivo e Patrimônio Histórico Educativo, ministrada pelo Professor Doutor João Paulo Gama Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. É uma pesquisa de abordagem qualitativa e pesquisa documental com base nas referências de Bacellar (2018); Sousa (2019); Luz (2019); Cruz (2000, 2012); Oliveira (2019); Dines (2009); Martins, Luca (2013); Farge (2017) e Souza (2013), artigos publicados nos editoriais do Jornal Folha do Norte com as questões mencionadas, visto que, o Jornal esteve presente em variantes momentos da existência da Escola Normal de Feira de Santana, outorgando visibilidade ao patrimônio educativo.

Palavras-chave: Escola Normal de Feira de Santana. História da Educação Feirense. Jornal Folha do Norte. Patrimônio Educativo.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED, (Orientador - Professor Doutor Luiz Eduardo Menezes Oliveira).

Introdução

Este trabalho buscou investigar a relação sobre o Jornal Folha do Norte e a Escola Normal de Feira de Santana - Ba durante seu funcionamento, a saber, como se dava a cobertura do Jornal em relação aos eventos da Escola? Qual era o olhar do Jornal em relação aos alunos da Escola? Com base nos estudos, leituras e pesquisa das fontes, vamos discorrer sobre tais questionamentos.

A pesquisa reuniu informações que contextualizou a primeira década de funcionamento da Escola, inaugurada em 1º de junho de 1927. É uma pesquisa de abordagem qualitativa e pesquisa documental com base em variadas referências. De acordo com Carlos Bacellar (2018, p. 24), “o uso com fontes manuscritas, é, de fato, interessante, e todo pesquisador que entra por essa seara não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis”. Nessa seara, descobrimos muitas informações que nos saltam os olhos, pois, os arquivos nos trazem oportunidades de mergulhar e navegar no oceano da História.

De acordo com Francisco José Alves (2022, p. 19), em seu “artigo Princípios para o uso de textos como fontes históricas”, a pesquisa bibliográfica/documental, “implica em atentar para os dados oferecidos pelo próprio texto em sua materialidade”, seja um texto ou um documento, precisamos estar atentos ao que eles estão dizendo para podermos compreender a dinâmica contida a respeito do tempo, lugar, espaço e os contextos aos quais esse material nos remete, a exemplo de, pessoas envolvidas, marcos históricos, políticos, culturais, econômicos, religiosos, educacionais, dentre outros.

Segundo José Augusto Ramos da Luz (2019, p. 86), em seu artigo “Educação e eugenia na República, nas primeiras décadas do século XX”, corrobora ao afirmar que, “o que se buscava era uma educação e ensino novos para um país que se modernizava”. Neste período, o Brasil passava por muitas mudanças, havia uma preocupação significativa por parte de políticos e estudiosos com os rumos da educação no país.

Antônio Robertos Seixas da Cruz (2012) menciona em uma de suas obras, que as transformações que propagavam em território brasileiro, davam-se nos campos da economia, política, social e educacional, visto que, esse modelo já não correspondia “as necessidades do capitalismo mundial”. A partir de tais transformações, no quadro

[...] econômico, houve o declínio das oligarquias, devido ao surgimento de novas forças sociais provenientes das mudanças sofridas pela base econômica, que abolira as relações de produções escravistas e abandonavam paulatinamente, o modelo agrário-exportador [...] (CRUZ, 2012, p. 43).

Então de fato, existia um atraso na modernização do país nas diversas áreas, sendo o atraso na educação, bem mais urgente. Daiane Silva Oliveira (2019, p. 93), em seu artigo “Escolarização e civilidade: as representações de uma cultura escolar no Jornal Folha do Norte (1918-1940)” ressalta que, a cidade de Feira de Santana nesse período, era considerada uma “cidade republicana”, no entanto, tornou-se uma cidade “que despertava do atraso para uma modernização inaugurada pelo novo ideário de nacionalidade brasileira pautada no progresso”.

Foi nesse interim que, segundo Ione Celeste de Sousa (2019, p. 139), em seu artigo “A Escola Normal de Feira de Santana na interiorização dos cursos normais na Bahia – projetos e lugares de memórias”, menciona que Anísio Teixeira, enquanto Diretor da Instrução pública em 1924, tem a ideia “de interiorizar a preparação de normalistas para atuar no ensino público primário, no intuito de promover o progresso do estado baiano”.

O Jornal Folha do Norte fundado desde setembro de 1909, não ficou alheio a essas informações, e, segundo Cruz (2000, p. 55), após ter sido publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia de 29 de janeiro de 1926 que Feira de Santana receberia uma Escola Normal, logo o JFN tratou de informar aos seus leitores.

O Jornal Folha do Norte prestou grandes serviços à cidade de Feira de Santana em todos os aspectos que perpassavam pela população, assim como, cidades circunvizinhas e outros estados fronteiriços. Nessa perspectiva, as autoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2013, p. 8), no livro “História da Imprensa no Brasil”, afirmam que, “a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel”.

Alberto Dines (2009, p. 32), no seu livro, “O papel do jornal e a profissão de jornalista”, menciona que “a imprensa consiste na soma dos desempenhos dos veículos de informação”, de modo que o Jornal Folha do Norte, proporcionou à cidade de Feira de Santana e adjacências diversas informações, sobretudo, da Escola Normal, como já mencionamos.

Essa conexão do Jornal Folha do Norte em prol da educação feirense, sobretudo, da Escola Normal de Feira de Santana, conduz estudiosos e pesquisadores a investigar a relação entre ambos, uma vez que, a Escola em estudo sendo extinta, as edições do JFN salvaguardados pela Biblioteca do Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana, afirma a importância de salvaguardar as memórias de um tempo longínquo.

A Biblioteca do Museu Casa do Sertão, tutela diversos jornais, revistas e outros documentos que contém informações sobre a Cidade de Feira de Santana e cidades adjacentes. Nessa perspectiva, são salvaguardadas as memórias da Escola Normal por meio do Jornal Folha do Norte. A esse respeito, Arlette Farge (2017, p. 12), em seu livro “O Sabor do Arquivo”, no qual discorre sobre “o conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas formas ou seu suporte

material, cujo crescimento se deu de maneira orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa física ou jurídica, privada ou pública”, corrobora para compreendermos o valor dos arquivos, sejam impressos, digitalizados, em forma de utensílios ou objetos e/ou imagens.

Na perspectiva do JFN e a ENFS, ambos se constituíram patrimônio histórico cultural e patrimônio escolar respectivamente. A pesquisadora Rosa Fátima de Souza (2013, p. 202), em seu artigo “Preservação do patrimônio escolar no Brasil: notas para um debate”, conceitua patrimônio escolar, mencionando que, “o conceito de patrimônio nacional irrompeu durante a Revolução Francesa, e se consolidou no século XIX na Europa, vinculado a ideia de nação e com a finalidade de construção de uma identidade”.

Nessa perspectiva, ainda conforme a autora Souza (2013, 211), “a noção de patrimônio pressupõe a guarda de algo herdado, cujo valor social demanda salvaguardá-lo do risco da ruína e do desaparecimento”, possivelmente, esse tenha sido o olhar e reflexão da Universidade Estadual de Feira de Santana, consolidando o JFN como Patrimônio Histórico Cultural.

No artigo intitulado “Para além do “pó do arquivo”: desafios políticos para a instalação e manutenção do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (2005 – 2019)”, os autores João Paulo Gama Oliveira e Rosa Fátima de Souza Chaloba, assentem que, “a nítida diferença do acondicionamento do acervo e suas condições somam-se ao trabalho realizado tanto para a prática científica com os documentos, objetos e livros”, como outros objetos, a exemplo de móveis. Então avançamos para saber sobre os questionamentos da pesquisa em voga.

Cobertura do jornal Folha do Norte em relação aos eventos da Escola Normal de Feira de Santana

Iniciamos essa sessão com a nossa primeira indagação, como se dava a cobertura do Jornal em relação aos eventos da Escola? Para tanto, vamos dialogar com os autores citados na introdução desse trabalho, as contribuições de edições publicadas do Jornal Folha do Norte, dentre outras referências ainda não apresentadas.

Em 1909, “nasce o jornal Folha do Norte. Velhinho? Que o diga Oscar Niemayer, um pós-centenário bem moderno”, como salientam as autoras Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira (2012, p. 33). A primeira impressão data de 17 de setembro daquele mesmo ano.

Redigida por João Carneiro Vital e editado por seu proprietário Tito Ruy Bacelar, ladeado por Arnold Ferreira da Silva (então com apenas 15 anos) e seu irmão Dálvaro Ferreira da Silva, a sua criação foi motivada por uma questão política: servir de porta-voz às candidaturas, para presidente e vice-presidente, respectivamente, de Hermes da Fonseca e Venceslau Brás, combatendo o situacionismo local (CARNEIRO; OLIVEIRA, 2012, p. 33).

Podemos observar que a criação do JFN foi intencional, pois, o objetivo era a propaganda eleitoral para os candidatos mencionados pelas autoras Carneiro e Oliveira. Em consonância com as autoras, Martins e Luca (2013, p. 8) assentem que, “a imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado”. Nota-se a importância dos jornais antigos para situarmos em relação à política, economia, cultura, sociedade e educação.

É nessa perspectiva que falaremos da conexão do JFN em prol da ENFS. Como mencionamos anteriormente, o JFN esteve lado a lado com a ENFS, desde que foi anunciado que a cidade de Feira de Santana receberia uma Escola Normal para atender aos reclames da “Lei 1846 de 14 de agosto de 1925, que tratou de reformar o ensino no Estado da Bahia e foi responsável pela criação da Escola Normal de Feira de Santana, no governo de Francisco Marques de Góes Calmon”, como salienta Cruz (2012, p. 45).

A ENFS foi criada com um objetivo, “tinha a exercer papel fundamental para a região e para os interesses do país”, como corrobora Cruz (2012, p. 56). Historicamente falando, havia um atraso educacional no país e a Bahia se preocupou logo em fazer as reformas que a tirasse do mapa desse atraso educacional. Sousa (2001, p. 36) relata que,

A maioria da população baiana era analfabeta na virada do século, como, aliás, o era a população do resto do país. Especialmente na Bahia, um expressivo contingente populacional era descendente de escravos e lutava com extrema dificuldade pela sobrevivência, numa economia em franca estagnação e com perda de representatividade no cenário econômico e político nacional, que, nessa época, passava pela consolidação do pólo econômico no Sudeste, com a economia cafeeira.

É digno de nota salienta, o quão as estruturas da sociedade brasileira em seus diversos aspectos, precisavam passar por reformas. As mudanças possuíam maior visibilidade no Sudeste do Brasil por possuírem melhores condições de instalações industriais para atender as demandas do capital estrangeiro. Além da abolição da escravatura, o país se reestruturava com uma nova forma de governo, a República.

As camadas sociais eram bem acentuadas, por isso, muitas moças e rapazes recebiam a educação em ambiente familiar com mestres/as e preceptores/as particulares, muitas vezes estrangeiros/as. No entanto, já existiam nas capitais escolas normais que atendiam aos filhos/as de famílias mais abastadas. No caso da Bahia, moças e rapazes se deslocavam para Salvador, com o objetivo de adquirirem formação. Contudo, após a criação da ENFS,

Muitas dessas moças, formadas na capital, trabalhavam nas escolas públicas de Feira de Santana, formando o primeiro quadro docente quando da implantação da Escola Normal na cidade, como as professoras Úrsula Martins da Silva, Esmeralda de Brito, Estefania Menna, e a bacharela em Ciências e Letras pelo Gymnasio da Bahia, Sidronia Jaqueira. Outras como Regina Ferreira Vital e Esther Alves de Freitas, sempre citadas nas “*Noticias Sociaes*” do semanário Folha do Norte, também exerceram o magistério público (SOUSA, 2001, p. 38).

É possível perceber a importância e impacto que o JFN exercia sobre variados assuntos. Quando da inauguração da Escola Normal, o Jornal esteve presente, e assim continuou, e, podemos constatar nas publicações do próprio Jornal: “A Escola Normal desta cidade, no cumprimento do Programa de lições cívicas a seus alunos, vai comemorar solenemente a data da nossa liberdade política, para cuja assistência nos enviou convite, que agradecemos” (JORNAL FOLHA DO NORTE, 1927, p.8).

Durante a comemoração do 2 de julho, muitas foram as publicações do semanário. “Revestiu-se de singular imponência a brilhante comemoração do 2 de julho na Escola Normal desta cidade, promovida pelo esforço e competente diretor desse móvel e já victorioso estabelecimento, o ilustre prof. Mendes de Aguiar” (JORNAL FOLHA DO NORTE, 1927, p 3).

A Escola Normal no decorrer do evento, recebeu para as comemorações autoridades da cidade, familiares, alunos, professores, pessoas gradadas (que são importantes por seus feitos), com hinos, poesias e discursos pelo corpo docente e pessoas ilustres da Cidade e Estado. A comemoração do 7 de setembro também foi em grande estilo. Cada comemoração era vislumbrada pela Escola, JFN, políticos, sociedade e familiares dos/as alunos/as.

O olhar do jornal Folha do Norte em relação aos alunos da Escola Normal de Feira de Santana

Nesse tópico, intencionamos conhecer, a partir da nossa segunda inquietação, qual era o olhar do Jornal em relação aos alunos da Escola? Continuaremos na busca de elementos e informações que respondam ao questionamento. Durante festa cívica da Escola na comemoração do descobrimento da América, o JFN noticiou o evento com todos os acontecimentos, dando ênfase a participação das normalistas.

[...] Falaram logo após a normalista senhorinha Germina Freitas de Carvalho, e as alunas do 1º ano do curso fundamental senhorinha Céres Figueiredo, que recitaram, respectivamente as poesias “os três dias de Chistovam Colombo” e “O livro e a América”.

Em interessante colloquio fizeram-se então ouvir as alunas Marphisa Sant’Anna, Dulce Bastos, Romilda Gonçalves, Irisaldina Farias, Hilda

Carneiro, da escola anexa regida pela professora D. Etelvina Regis, seguindo-se um diálogo – A descoberta da América, pelos alunos Djalma Boa Ventura e Edelweis Dias, da escola dos 1º e 2º graus regida pela professora D. Isaura Paiva, e mais as poesias “Dia de Festa” e “A Bandeira Nacional”, recitadas pelos alunos Djalma Boaventura e Antonio Coelho, da mesma aula. [...]. (JORNAL FOLHA DO NORTE, 1927, p. 1-4).

O destaque para os alunos, mostra o quanto estavam envolvidos com os eventos da Escola, além de ser uma grande comemoração. Nessa perspectiva, o Brasil experienciava um espírito nacionalista nas primeiras décadas da República. Naquele mesmo ano, se deu também a comemoração do “1º centenário da Lei de Ensino Primário de 15 de outubro de 1827 criando escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e lugares mais populosos do Império” (JORNAL FOLHA DO NORTE, 1927, p. 1).

Um fator notável nas publicações, é que, o JFN publicava as notas finais dos alunos, como foi possível constatar na edição de 11 de fevereiro de 1928 na Sessão da Congregação. Após a comemoração do 1º aniversário da Escola em 1º de junho de 1928. No mesmo mês, no dia 9, comemorou-se o Dia da normalista, “Em toda a República brasileira, as normalistas, assim como as outras classes sociais tem um dia de cada ano para as suas expansões de júbilo, em meio de um batalhar sem tréguas para a conquista de um diploma” (JORNAL FOLHA DO NORTE, 1928, p. 1).

Nota-se a importância dada às alunas da Escola Normal pelo Jornal Folha do Norte na perspectiva de valorizar as normalistas na comemoração do seu dia, corroborando para dignificá-las e perpetuar a data comemorativa. Uma vez que, tais alunas desempenhariam um papel muito importante para a educação, alfabetizar centenas de milhares de alunos em idade escolar de Primeiras Letras nos Sertões da Bahia.

Em 23 de novembro de 1929, o JFN publicou as notas dos alunos após a realização de exames. Em 13 de dezembro de 1930, o JFN publica sobre a primeira turma da Escola Normal que seria diplomada. “As primeiras professoras formadas pela nossa escola normal. Missa de maioria – entrega de quadros. Estampamos, acima, conforme nossa promessa de edição anterior” (JORNAL FOLHA DO NORTE, 1930, p. 1).

Passados 3 anos da inauguração da Escola, todos os anos uma turma de professores era diplomada. Em todas elas, o JFN se fazia presente, visto que, recebia convite da Direção da Escola e também das normalistas que, sempre visitavam a redação do Jornal. Havia também publicação de poesias que as normalistas declamavam para suas colegas de forma muito valorosa, gentil e graciosa.

Souza (2013, p. 206) corrobora afirmando que “alguns centros de documentação se têm destacado como referência na preservação da memória e na produção de investigações

históricas em educação, a maioria deles vinculados a universidades”, o que é possível constatar através do Centro de Estudos e Documentação da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Considerações

Podemos observar a partir dos elementos encontrados, que, a conexão do Jornal Folha do Norte em prol da Escola Normal de Feira de Santana, foi de grande valia, a cobertura do Jornal, contribuía para que a escola ganhasse visibilidade, além da visibilidade social à direção, professores e alunos, que sempre enviavam convite ao Jornal solicitando sua presença nas comemorações.

Quanto ao olhar do JFN com relação aos alunos, nutria-se esperança em cumpri-los com os interesses, cujo objetivos, de lecionarem no Ensino de Primeira Letras/Ensino Primário nas Escolas de Aplicação, Escolas Municipais de Feira de Santana e das cidades circunvizinhas. O Jornal estava atento a participação dos/as normalistas nas atividades da Escola, que demonstrava ser com grande afinco. Os alunos valorizavam a Escola e reconhecia a importância do Jornal para a sociedade em seus variantes aspectos.

Há muito para dizer sobre os elementos encontrados nessa conexão do Jornal com a Escola em destaque. Como menciona Martins e Luca (2013), a imprensa anda de mãos dadas com a história do país. Foi possível observar que as memórias salvaguardadas pela UEFS através do JFN, é um material tangível e temos acesso a ele, como também, possui uma materialidade intangível, a qual não foi dita/registrada.

Depois de quase um século, já não se pode acessar esses/as alunos/as que passaram pela Escola Normal com depoimentos pessoais, se não, somente, através desses vestígios como assinala Souza (2013), ao afirmar que as investigações e publicações não se esgotam.

Não sabemos se nos prédios onde funcionavam a Escola Normal durante sua existência, existem salvaguardados matérias como cadeiras, carteiras, quadros, troféus, uniformes ou outros materiais, mas é possível afirmar, como salienta Oliveira e Souza (2022), que existe uma “massa documental salvaguardados” pelo Instituto Educacional Gastão Guimarães e pelo Centro de Cultura e Arte – CUCA, pertencente a Universidade Estadual de Feira de Santana.

Com certeza, não foi possível esgotar aqui todas as nuances dos questionamentos levantados. Seria necessário tempo e espaço para explicar os achados que compreendem a primeira década/primeiros anos de funcionamento da Escola Normal de Feira de Santana. De acordo com Farge (2017, p. 14), “o arquivo não escreve páginas de história”, somos nós, estudiosos e pesquisadores que nos debruçamos em perscrutar e decifrar as informações ali contidas, e assim, vamos contextualizando nossa visão a partir dos achados da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco José. Princípios para o uso de textos como fonte histórica. **In: A lição das fontes – Exercícios de pesquisa historiográfica.** Francisco José Alves; Saulo Vinícius Souza Barbosa (organizadores). – 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2022. 192 p.; p. 19 – 22.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; OLIVEIRA, Mariana Fagundes de. **Publica-se em Feira de Santana:** das cartas de leitores e redatores e os anúncios em O Progresso e no Folha do Norte (1901 – 2006). Zenaide de Oliveira Novais Carneiro; Mariana Fagundes de Oliveira (organizadoras). – Feira de Santana: UEFS Editora, 2012. 55 p. + 2 CD-ROM: iI.

CRUZ, Antônio Roberto Seixas da. Mestras para o Sertão: criação e funcionamento da Escola Normal de Feira de Santana. **In: Escolas Normais da Bahia:** olhares e abordagens / Ione Celeste Jesus de Sousa; Antônio Roberto Seixas da Cruz (organizadores). – Feira de Santana: UEFS Editora, 2012, p. 165.; p. 43 – 65.

_____. Mestras no sertão: reconstituindo caminhos percorridos. (Dissertação apresentada para conclusão do Mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia). – Salvador, 2000. 195 p.

DÍNES, Alberto. **O papel do jornal:** e a profissão de jornalista. Atualização e pesquisa Luiz Antonio Magalhães. – 9. ed. – São Paulo: Summus, 2009, p. 191.

FARGE, Arlette. **O Sabor do arquivo.** Trad. Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. p. 9 – 50.

LUZ, José Augusto Ramos da. Educação e eugenia na República. **In: Caminhos da educação na Bahia /** José Augusto Ramos da Luz (org.); capa Jaci Carvalho. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2019, p. 274.; p. 65 – 91.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Pelos caminhos da imprensa no Brasil. **In: História da imprensa no Brasil /** Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (organizadoras). – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013, p. 303. p. 7-19.

OLIVEIRA, Daiane Silva. Escolarização e civilidade: as representações de uma cultura escolar no jornal Folha do Norte (1918 – 1940). **In: Caminhos da educação na Bahia /** José Augusto Ramos da Luz (org.); capa Jaci Carvalho. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2019, p. 274.; p. 93 – 136.

OLIVEIRA, João Paulo Gama; SOUZA, Rosa Fátima de. Para além do pó do arquivo: desafios políticos para a instalação e manutenção do Centro de Educação e Memória do Atheneu sergipense (2005 – 2019). **Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação.** 2022. No prelo.

SOUSA, Ione Celeste de. A Escola Normal de Feira de Santana na interiorização dos cursos normais na Bahia – projetos e lugares de memória. **In: Caminhos da educação na Bahia /**

José Augusto Ramos da Luz (org.); capa Jaci Carvalho. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2019, p. 274.; p. 137 – 167.

_____. **Garotas tricolores, deusas fardadas:** as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. – São Paulo: EDUC, 2001. 197p.

SOUZA, Rosa Fátima de. Preservação do Patrimônio Histórico Escolar no Brasil: notas para um debate. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 199 – 221, jan./jun. 2013.

FONTES ESCRITAS

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, Ba. 2 de julho de 1927.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, Ba. 9 de julho de 1927.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, Ba. 2 de julho de 1927.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, Ba. 3 de setembro de 1927.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, Ba. 22 de outubro de 1927.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, Ba. 9 de junho de 1928.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, Ba. 23 de novembro de 1929.

FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, Ba. 13 de dezembro de 1930.